

I. Conceito de Disciplina

Aparentemente, a questão da disciplina escolar é muito simples: “basta conseguir com que os alunos prestem atenção a aula”. Na verdade o problema é complicadíssimo, pois envolve a formação do caráter, da cidadania e da consciência do sujeito. No fundo esta sempre a questão: que tipo de homem se quer formar? Por que alguém deve obedecer a outrem?

A questão da disciplina é bastante complexa, uma vez que um grande número de variáveis influenciam o processo de ensino-aprendizagem. No entanto, apesar dessa complexidade, a verdade é que há um consenso sobre o fato de que sem disciplina não se pode fazer nenhum trabalho pedagógico significativo. Resta saber o que entendemos por Disciplina...

*“A disciplina pode ser entendida diferentemente segundo a tarefa do mestre é considerada como de puro ensino ou de educação e segundo o aluno é considerado como uma simples inteligência a guarnecer de conhecimentos ou como um ser a formar para a vida”.*²¹

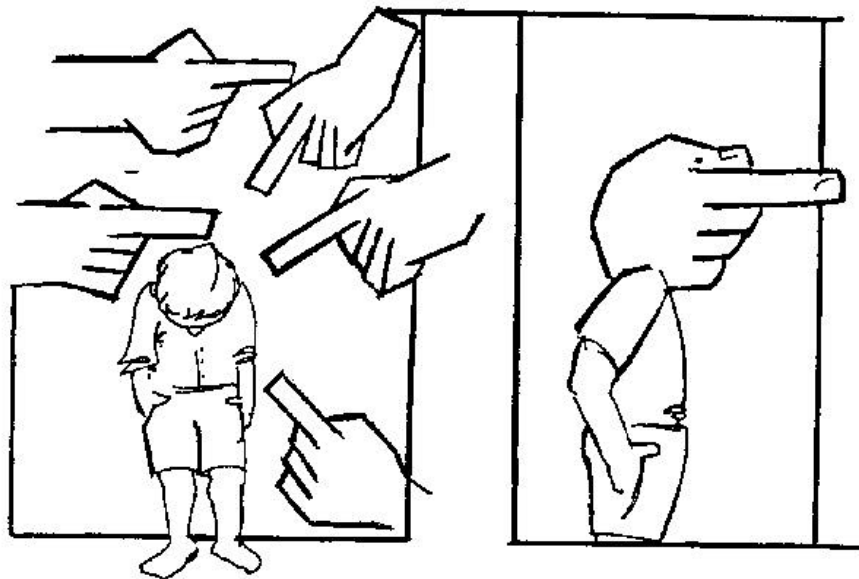
1. CONCEPÇÕES DE DISCIPLINA A SEREM SUPERADAS

Numa primeira abordagem da disciplina, pode-se dizer que, em grandes linhas, disciplinar significa participar do esforço civilizatório, e a escola nada mais faria que colaborar com este esforço geral. Ocorre, no entanto, que esta é uma visão idealista, uma vez que, na verdade, não existe civilização em geral, mas formas históricas de civilização, que no nosso caso corresponde ao modo capitalista de produção, com sua divisão em classes sociais antagônicas; portanto, na nossa realidade, no sentido geral, disciplinar corresponde a adequação a sociedade existente; significa, pois, inculcação, domesticação, resignação a exploração, etc.

“Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade,

²¹ H. WALLON, *Disciplina e Perturbações do Caráter*, in *Psicologia e Educação da Criança*, p. 367.

são o que podemos chamar as 'disciplinas'".²²



E, em princípio, é com este processo que a escola é chamada a colaborar, ou seja, participando do adestramento social às condições de exploração da lógica capitalista.

Sabemos que a escola é determinada socialmente, mas dentro de sua contradição, dentro de seu espaço de autonomia relativa, o que está fazendo? Para a formação de que tipo de sociedade está colaborando? Se o professor pensa em simplesmente conseguir o silêncio de seus alunos para poder falar, está tendo uma visão muito estreita. O professor, por pressão, pode conseguir certas atitudes dos alunos, mas que se esvaem quando não estão mais em sua presença; trata-se da grande farsa colocada pelo sistema de educação: não se está preocupado com o futuro do educando, mas em apenas sobreviver como instituição ou como educador, não tendo, de preferência, sua imagem muito abalada pelas eventuais falhas na disciplina (garantir a aparência).

Que conceito de disciplina tem a maioria dos educadores? Geralmente, disciplina é entendida como a adequação do comportamento do aluno àquilo que o professor deseja. Só é considerado disciplinado o aluno que comporta-se como o professor quer²³. A questão que poderia ser colocada é a seguinte: que comportamento deseja o professor? Frequentemente, o desejo do professor é que o aluno fique quieto, ouça as explicações que tem para dar, faça direitinho os exercícios e pronto. Se isto acontecer,

²² M. FOUCAULT, *Vigiar e Punir*, p. 126.

sentir-se-á realizado.

“... a representação de competência profissional está associada ao bom domínio de classe, seja ele obtido por métodos autocráticos, seja através de atitudes persuasivas”.²⁴

O conceito de disciplina associado à obediência está muito presente no cotidiano da escola, mais ou menos conscientemente; isto porque há uma verdadeira “luta em classe”, onde o professor está procurando sobreviver, num contexto de tantos desgastes²⁵. O trabalho do educador é estressante; ele procura um pouco de paz para poder respirar; daí esperar o comportamento dócil, passivo do aluno. É claro que esta expectativa se coloca a partir do círculo da alienação em que se encontra, onde seu desejo, alienado, não busca a interação, o encontro, a comunicação, mas o isolamento, o fechamento, a obediência, a submissão, com esperança de reencontrar assim o espaço vital que sente falta. Querendo resolver o problema, na verdade, acaba agudizando-o, já que se isola, não entra em efetiva comunicação com seus alunos, que passam a rejeitar -inconscientemente sua postura. Este posicionamento é desumano, pois nega a existência do outro, tentando reduzi-lo a objeto. Nega o outro como sujeito. Há necessidade de se sair desse ciclo vicioso.

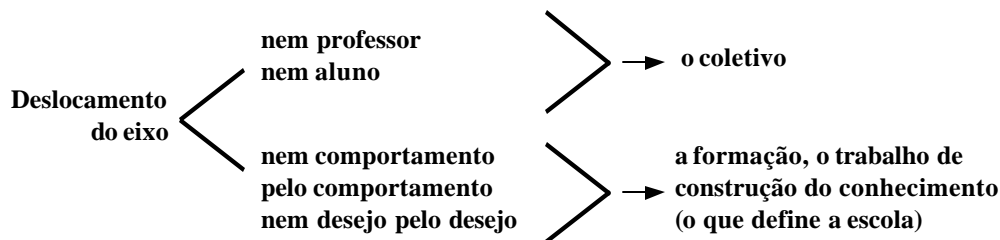
Diante disto, poderíamos questionar: onde fica o comportamento do professor (já que só se falou do comportamento do aluno) e o desejo do aluno (já que só se falou do desejo do professor)? Este seria um caminho reativo, apenas aparentemente crítico. Indo por aí, muito provavelmente, cairemos na educação liberal-espontaneísta, onde disciplina é seguir os impulsos, fazer o que tiver vontade. A responsabilidade é da classe (“Problema de vocês”; “eu já sei, vocês é que precisam aprender”; “quem não quiser assistir aula pode sair”, “vocês é que estão pagando”; etc.). O professor acaba tendo que recorrer sempre a este discurso, pois não convence ninguém.

Precisamos colocar o problema no seu devido lugar. Mais uma vez, a contradição comportamento/desejo do aluno x comportamento/desejo do professor é falsa. Não se trata de medir forças, nem estatutos, nem ver “quem pode mais”. Isto, aliás, é o que tem sido feito, infantilmente, por muitos professores. Trata-se, isto sim, de

²³ “O aluno indisciplinado é aquele caracterizado como desobediente”, E. S. S. BARRETO, “Professores de Periferia: soluções simples para problemas complexos”, p. 305.

²⁴ E. S. S. BARRETO, *ibidem*.

redimensionar o problema: a questão central não esta na disputa professor x aluno, mas sim na **organização do trabalho coletivo em sala de aula** para se realizar a construção do conhecimento, a educação.



Esquema: Deslocamento do eixo de Abordagem do Problema

2. A DISCIPLINA QUE DESEJAMOS

Ganhamos clareza da disciplina que não queremos: a autoritária ou a espontaneísta. O desafio agora é vislumbrar e concretizar a superação de ambas...

O que almejamos em termos de disciplina? Buscamos construir uma nova disciplina “que deixe de ser a expressão das relações sociais alienadas”²⁶. Basicamente, podemos dizer que o objetivo é conseguir o autogoverno dos sujeitos participantes do processo educativo, e dessa forma as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula (e na escola), onde haja o desenvolvimento da Autonomia e da solidariedade, ou seja, as condições para uma aprendizagem significativa, crítica, criativa e duradoura. Almejamos uma disciplina consciente e interativa, marcada pela:

- participação
- respeito
- responsabilidade
- construção do conhecimento -formação do caráter e da cidadania.

“A disciplina (...) significa a capacidade de comandar a si mesmo, de se impor aos caprichos individuais, às veleidades desordenadas, significa, enfim, uma regra de vida. Além disso, significa a consciência da necessidade livremente aceita, na medida em que é reconhecida como necessária para que um organismo social qualquer atinja o

²⁵ Mal formado, mal remunerado, sem tempo para preparar as aulas, para se reciclar sem apoio dos colegas, da coordenação, da direção, etc.

fim proposto".²⁷

A disciplina não deve ter fim em si mesma; deve estar relacionada aos objetivos maiores da escola, que deve formar o aluno

"...como pessoa capaz de pensar, de estudar, de dirigir ou de controlar quem dirige".²⁸

ajudando a construir uma nova hegemonia, a hegemonia das classes populares. A realidade está sendo assim, mas pode ser mudada; a partir da experiência de mudança no microcosmo educacional, o aluno está se educando para a mudança social mais ampla. A experiência de não-poder, de impotência, repetida constantemente, vai levando a um estado de apatia, de descrença no mundo e na humanidade, facilitando, inclusive, o campo para busca de subterfúgios alienantes (drogas, fanatismo político ou religioso, misticismo, jogos de azar, etc.).

"Antes de tudo..., nossa disciplina deve ser sempre uma disciplina consciente. (...) Nossa disciplina, como fenômeno moral e político, deve vir acompanhada de consciência, isto é, de uma noção do que é disciplina e para que a necessitamos".²⁹

Freqüentemente, trabalha-se a disciplina de forma restritiva: dá-se muita ênfase aos limites, ao que "não pode", em detrimento das possibilidades, do que se espera. É a disciplina do "Não", "Não" e "Não".

"Esta é a moral que consagra o que não deve fazer-se. Chamo a isto de disciplina da abstenção ou da inibição. Considero que a disciplina na coletividade infantil deve ter um caráter: o impulso de avançar. Esta é a disciplina da vitória, disciplina da superação. (...) Podemos nos orgulhar da disciplina que chama adiante, que exige algo do homem, algo maior que a inibição".³⁰

A disciplina, portanto, deve apontar os limites - como normalmente se faz, mas também as possibilidades - geralmente esquecidas.

Numa visão dialética-libertadora, compreende-se que a disciplina se constrói pela interação do sujeito com outros e com a realidade, até chegar ao autodomínio;

²⁶ A.S. VAZQUEZ, *Ética*, p. 259.

²⁷ L.A.C. FRANCO, *Problemas de Educação Escolar*, p. 40.

²⁸ A. GRAMSCI, *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, p. 136.

²⁹ A. MAKARENKO, *La Colectividad y la Educación de la Personalidad*, p. 175.

³⁰ A. MAKARENKO, *op. cit.*, p. 172

podemos afirmar, parafraseando P. Freire³¹: “Ninguém disciplina ninguém. Ninguém se disciplina sozinho. Os homens se disciplinam em comunhão, mediados pela realidade”.

O educador, num primeiro momento, pode assumir a responsabilidade pela disciplina, enquanto articulador da proposta, levando, no entanto, a classe a assumi-la progressivamente. Tem como parâmetro não a sua pessoa (“sua autoridade”), mas as necessárias condições para o trabalho coletivo em sala de aula.

Ocorre que as relações entre os homens podem ser alienadas, reificadas, coisificadas, ou seja, os limites estabelecidos podem não corresponder às reais necessidades dos sujeitos, mas à necessidade de um ou outro, ou de apenas um grupo em detrimento dos demais. Desejamos muito, na escola e na sala de aula, a disciplina, a aceitação da proposta de trabalho; mas esquecemos que a resistência, a não concordância, ou pelo menos sua possibilidade, é um fator fundamental para a sociedade não parar, não se acomodar, não se submeter a eventuais tiranos. Quando se está sob a tirania, desejamos que as pessoas se rebellem, que se levantem contra, enfim, que se **indisciplinem**. Esta tensão entre adaptação e transformação é constante. O sujeito precisa se adaptar a uma série de valores, costumes, práticas sociais, etc. que fazem parte de sua cultura, mas, ao mesmo tempo, deve estar atento para a necessária transformação destes valores, práticas, etc. naquilo que têm de desumano, de alienado, que precisa ser superado.

A disciplina consciente e interativa, portanto, pode ser entendida como o processo de construção da auto-regulação do sujeito e/ou grupo, que se dá na interação social e pela tensão dialética adaptação-transformação, tendo em vista atingir conscientemente um objetivo.

³¹ A afirmação original de Paulo Freire é a seguinte: “Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”, in *Pedagogia do Oprimido*, p. 79.

Sapato 36

(Raul Seixas e Cláudio Sampaio(1977))

Eu calço e 37!
Meu pai me da 36!
Dói, mas no dia seguinte,
Aperto o meu pé outra vez.
Eu aperto meu pé outra vez.

Pai eu já estou crescidinho,
Pague para ver que eu aposto.
Vou escolher meu sapato,
E andar do jeito que eu gosto.

Por que cargas d'águas você acha que
Tem o direito
De afogar tudo aquilo
Que eu sinto em meu peito?

Você só vai ter o respeito que quer
Na realidade,
No dia em que você souber respeitar
A minha vontade!
Meu pai, meu pai!

Pai já estou indo-me embora.
Eu quero partir sem brigar ,
Pois eu já escolhi meu sapato
Que não vai mais me apertar.